FINIS.

Laus Deo, Virginique MARIÆ sinè labe peccati Conceptæ.

ORAÇOENS GRATULATORIAS

NA FELIZ VINDA DA MUITO ALTA, E MUITO PODEROSA RAINHA DA GRAM BRETANHA,

COMPOSTAS, E RECITADAS NA Igreja da Divina Providencia à Nobreza de Portugal

NAS TRES ULTIMAS TARDES DO MEZ de Janeiro de 1693.

Pelo P. D. RAPHAEL BLUTEAU,
Clerigo Regular Theatino da Divina Providencia, Doutor na Sagrada Theologia, & Prègador da Rainha Mãy de Inglaterra, & Qualificador do Santo Officio no Reyno de Portugal.

LISBOA,
Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impressor de Sua Mageſtade.
Com todas as licenças neceſſarias. Anno de 1693

LICENÇAS

Do Santo Officio.

MAndame Vossa Illustrissima veja estas Oraçoens Gratulatorias, que na feliz vinda da Muito Alta, & Poderosa Rainha da Gram Bretanha disse, & agora quer imprimir o Reverendo Padre D. Raphael Bluteau, Doutor na Sagrada Theologia, Prègador da Rainha Mãy de Inglaterra, & Qualificador do Santo Officio, & tenho que agradecer a Vossa Illustrissima a cõmissaõ, porque com ella resarci a pena, que me acõpanhava, de naõ ter sido ouvinte, quando com admiraçaõ de todos as disse na Igreja da sua Religiaõ. Li-as, & confesso, que quanto à vontade não acabei de as ler, porque a singularidade, com que estaõ feitas, me prendeo desorte os sentidos, que chegando algũas vezes à ultima pagina, tornava outra vez a dar principio à leitura. E ainda não acabàra, senão vira ser prejudicial ao Author, & a todos a demora; ao Author retardandolhe o applauso que merece pela obra; & aos mais roubandolhe a joya da mayor valìa, succedendome o que escreve Mantisano no Elogio de Mirandulo: *Legi tanta animi voluptate, quanta luculentia splendet, sed cum legendo dum cupio sedare sitim, sitis altera crescit.*

He a materia repartida em tres partes, ou Còros, no das Virtudes, no das Graças, & no das Musas, applaudindo todas a reversaõ, com que a Serenissima Rainha se restituìo (qual outro Sol) ao Emispherio do seu nascimento, desterrando as trevas da saudade, que nos coraçoens dos Portuguezes tinha causado a ausencia da sua amada, & sempre amavel Rainha: *Oritur Sol*, Ecclesc. 1.

&

& occidit, & ad locum suum revertitur. E bem o deu a conhecer a alegria universal, com que foi recebida de todos, demonstraçaõ do excesso com que a desejava, se já não foi prognostico da felicidade q̃ se lhe prometia, porque se hũa Estrella por disposiçaõ Divina ajuntou em Belem tres Magestades, outra Estrella, consequencia para Portugal de felicidades, por disposiçaõ do Ceo ajuntou na sua Corte de Lisboa com esta ditosa vinda tambem tres Magestades. No primeiro Coro, diz o Author, que he Celeste, no segundo Pacifica, & no terceiro Perfeita: *Revertere Cœlestis, revertere Pacifica, revertere Perfecta.* E com razaõ, porque se achaõ nesta Serenissima Rainha aquellas qualidades, & excellencias, que ha de ter a Perfeita, & Celeste Rainha: *Ad Reginam pertinet Regem cum populo concordare, semper clementiam demonstrare, semper decentiam adornare, hostis potentiam refrænare, legis amicitiam vendicare,* disse o douto Bercorio; o que executou pontual, porque entre o Rey, & os Povos estabeleceo a concordia mais firme, sendo affavel, & por antonomasia benigna; taõ decente, & modesto o trato, que naõ faltando aos decòros da Magestade no publico, tinha para mortificaçaõ da pessoa no Palacio o deserto da Arrabida mais aspera, & observante. Refreou o poder dos inimigos; porque com os dictames do seu juizo, & com a assistencia da sua pessoa deferia aos negocios dos Princepes, ouvindo os Embaixadores nos pontos de maior peso, & nas materias de maior importancia; & finalmente conciliou tanto o agrado, & amor d'ElRey seu Esposo, como elle mostrou ao mũdo todo naquella sublevaçaõ, em que fazendo a malicia a outra parte o tiro, queria descarregar na innocencia o golpe; he pois a obra singular pela sutileza, perfeita, & celeste pela materia; nella naõ achei cousa que encontre a verdade, & pureza de nossa Santa Fè, ou bons costumes, achei-a sim merecedora de que logo se imprima: Vossa Illustrissi-

Verbo Regina.

ma

ma ordenará o que for servido. Carmo de Lisboa em 20. de Abril de 1693.

Fr. Antonio de Santo Elias.

VI as Oraçoens Gratulatorias, que na Augusta chegada da Serenissima Senhora, a Senhora Rainha da Gram Bretanha a este Reyno recitou o M. R P. Doutor Dom Raphael Bluteau, Clerigo Regular da Sagrada Religiaõ da Divina Providencia, & Qualificador do Sãto Officio; & achei q̃ nellas se verificava cõ toda a propriedade aquelle Poetico dito: *Conveniunt rebus nomina sæpe suis*; porque sendo o titulo destas Oraçoens de parabens pela felice vinda de tam Real, & desejada Magestade, a experiencia conformandose cõ a esperança, & concordando com os prognosticos, evidentemente mostra que para bem de todos foi a restituiçaõ deste soberano Astro ao seu natural Hemispherio; porque nelle satisfazendo com toda a cabalidade ás obrigaçoens, que se inculcaõ em seu esclarecido nome, ás que lhe impoz o Real, & sempre do nosso coraçaõ pelo eterno amor, sangue Paterno, & as que lhe insinuaõ o incomparavel exemplo, & as inaccessiveis urbanidades do Regio, & fraternal sangue, de tal sorte prende a todos com affectuosos laços pelo inculpavel dos costumes, pelo zelo da Religiaõ, pela piedade do animo, pela grandeza das merces, pela efficacia da protecçaõ, & pelo affavel do tratamento, que no heroico destes attributos he tambem merecedora da accõmodaçaõ desta letra: *Nec primam similẽ visa est, nec habere sequentem.* Achei mais lendo estas Oraçoens, que naõ sómente eraõ Gratulatorias, como o seu titulo exprime, mas q̃ deviaõ ser muito graculadas; não só eraõ Oraçoens, em que se davaõ parabens, mas que eraõ Oraçoens, ás quaes muitos parabens se deviaõ dar, porque saõ dignas de que se lhe dem os de muito ajustadas à doutrina de nossa Santa Fè, os de muito conformes

Catharina, quasi Cathenula. Claud. leg. 168.

com

com as regras dos bons costumes, os de muito consonantes com as direcçoens das virtudes, os de muito coherentes com os documentos das Divinas Letras, & os de muito proporcionadas aos dictames da Rethorica, da erudição, & da eloquencia. E por tanto tambem ao Author destas Oraçoens saõ devidos repetidos parabens por obra tam douta, tam discreta, & tambem emprẽdida, como empregada bem. Se outro Orador disse, que a sy mesmo dava os parabens do seu engenho sahir a luz com obra de muito menos apreço que esta: *Gratulor ingenium non latuisse meum*; este insigne, & singular Orador bem pòde naõ sómente dar a seu engenho os parabens, mas receber os parabens dos mais elevados engenhos, por ter sahido a publico com obra tam relevante, que sendo excedida (sem que por isso fique com algum menoscabo) do objecto, a que se dirige: *Materia superabat opus*; a todas as mais de semelhante cathegoria leva concluidas ventagens. Finalmente saõ estas Oraçoens tam extremadas, & trazem consigo tãtos motivos para parabens, que eu de as ler a mim mesmo os dou, & desejàra que a leitura fora muito mais repetida, porque se he certo o que diz o vulgar adagio: *Habent repetita leporem*; sempre que as lera, pela muita graciosidade, que nellas encontro, dera a mim mesmo os parabens; & para que possa conseguir esta repetiçaõ, que creyo serà de muitos anhelada, sou de parecer que se dem á imprensa estas Oraçoens, se he que pòde aver imprensa, que tenha characteres, que possaõ copiar destas Oraçoens a regalia, a relevancia, & as gratulaçoens, com as quaes (sem affectaçaõ algũa) pòdem todos, os que as comprehenderem bem, dar a seu Author por parabens semelhantes abonos, & aplausos áquelles, que a minha censura lhe dá neste vaticinio que lhe faz: *Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt*. Lisboa Convento do Carmo 17. de Mayo de 1693.

Fr. Manoel da Graça.

Vistas

VIstas as informaçoens, podése imprimir as Oraçoens, de que esta petiçaõ trata, & depois de impressas, tornaráõ para se conferir, & dar licença que corraõ, & sem ella naõ correràõ. Lisboa 19. de Mayo de 1693.

Pimenta. Noronha. Foyos.

Do Ordinario.

POdemse imprimir, & depois tornaráõ para se conferirem, & se dar licença para correr, & sem ella naõ correráõ. Lisboa 25. de Junho de 1693.

Serràõ.

Do Paço.

SENHOR.

NAõ necessitava de mais testimunhos, para sua abonaçaõ, o illustre talento do P. Doutor Dom Raphael Bluteau, assáz conhecido, mas nunca assáz louvado. Estas tres Oraçoens, que intitula Gratulatorias, se poderiaõ queixar de vir tam tarde, que jà na estimação de todos não achàram lugar vago, pela haverem occupada toda as primeiras acçoens deste excellente sojeito, mas quando assim lhes succedesse, não terião q̃ envejar, porque ellas se bastão a sy proprias para o louvor, attributo de hũa summa perfeição. Se o bom gosto as accusar de breves, satisfaçase conhecendo, que se foi primor do engenho, o dizer tanto, quanto outro não dicera, foi respeitosa reverencia, o não dizer tudo, o que pedia a materia, porque não parecesse irreverente ousadia, & querer reduzir à esphera ainda da mais eloquente rethorica as incomprehensiveis excellencias de tão soberana Magestade. Lisboa 23. de Junho de 1693.

Miguel da Sylva Pereira.

Que

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Sant Officio, Ordinario, & informação que se mandou tomar, & depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, & tayxar, & sem isso não correrà. Lisboa 26. de Junho de 1693.

Mello P. Roxas. Lamprea. Azevedo. Ribeyro. Sampayo.

ORAÇAM I.

O CELEBRA O CORO DAS VIRTUDES a felice vinda DA SERENISSIMA RAINHA DA GRAM BRETANHA A SENHORA

D. CATHARINA.

NAõ Senhores; nem ſempre ſaõ fugitivos os bens, que ſe auſentaõ. Auſentarſe para voltar, não he fugir; he ir formando hum circulo, que de todas as figuras he a mais perfeita, porque na figura circular ſe une o fim com o principio. Todos os Planetas nos ſeus Orbes, & todas as Eſtrellas no Firmamento continuamente ſe auſentaõ, & continuamente ſe reſtituem ao lugar donde nacèraõ; & unindo com circulares movimentos o fim com o principio, fazem no mundo tão boa figura, que della ſucceſſivamente depende a conſervação do mundo. Tambem nas Republicas ha movimentos circulares

na peregrinação dos Princepes, que restituindose à sua Patria, acabão o seu circulo, & juntamente poem fim a todas as penas, que sempre a ausencia faz presentes para tormento da saudade. No anno de 1662. quando a Serenissima Infanta de Portugal a Senhora D. Catharina se embarcou na Armada Real de Inglaterra, parecia, que com a ausencia deste Astro se apagavão no Paço todas as luzes, & justamente se podia recear, que com a falta de huma flor se acabassem para Portugal todas as Primaveras. Naquelle dia vio o Tejo dẽtro de si o fluctuante concurso dos Povos, que da praya, & dos montes contemplando os preludios desta separação, reverberavão nas agoas as suas confusas imagens, como se com o naufragio de si mesmos quizessem representar a immensidade da sua perda: ao levantar das ancoras desmayàrão as esperanças; estendéraõse as velas, naõ sei se ao movimento dos Zephiros, ou ao impulso dos suspiros; & posto q̃ esta ausencia era o triumpho da grandeza deste Reyno, pois perdendo Portugal huma Princeza, dava a Inglaterra huma Rainha; não era para estranhar, que as lagrimas da saudade servissem de perolas para ornato deste triumpho. Partio finalmente a Armada, & Neptuno ainda que placido, andou tão orgulhoso, que não envejou a Athlante a gloria, com que sustenta os Ceos, porque levava huma Princeza, que com a grandeza do animo sabe dominar as Estrellas. A Deos Augustissima Rainha, a Deos; mas não para sempre; para o Norte se encaminha Vossa Magestade, mas nem por isso volta a Portugal as costas, porque diante dos olhos tem as conveniencias, & comsigo leva os coraçoens dos Portuguezes. Lograrà Vossa Magestade em hum throno tres Coroas, a Coroa de Inglaterra, de Escocia, & de Irlanda; mas he Vossa Magestade tão izenta, & tão superior aos pomposos donativos da fortuna, que nem

Sapiẽs dominabitur astris.

com

com as douradas prisoens de tres Coroas se deixará prender fóra da sua Patria; & não sem mysterio se ausentou Vossa Magestade pela parte Occidental deste Reyno, porque deu a entender, que se despedia como o Sol, pois dahi a alguns annos voltando pela parte Oriental, havia de acabar o circulo da sua gloriosa peregrinação.

Naõ he verdade, Senhores, que se a Serenissima Rainha da Gram Bretanha se deixára estar no centro do seu Imperio, não déra no theatro deste mundo huma volta, ou passeio inteiro, & não chegando a unir circularmente o fim com o principio, na armonia dos passos da sua vida não se achára a mais perfeita das figuras. Jà tem succedido, que os Astros ficáraõ parados no meyo da carreira, mas depois de huma breve detença se puzeraõ a caminho, porque he taõ proprio dos Astros o movimento, que aos Poetas, que convertèrão Navios em Estrellas, não lhes veyo ao pensaméto fingir Remoras, que aos baxeis do Ceo embargassem o curso. De mais do que já era tempo, que das trevas do escuro, & congelado Septentriaõ se separasse a luz, para dar a Portugal hum dia tão alegre, como aquelle, que illustrou a infancia do Mundo, & nas Epocas, ou Eras da Lusitania este notavel successo faz o presente anno tão celebre, & tão memoravel, que conforme a doutrina dos Platonicos se pòde justamente chamar anno grande, anno maximo, & digno de ser festejado com os applausos da mais sonora eloquencia.

Divisit lucem à tenebris, & factumq; est vespere, & mane dies unus. Gen. cap. 1.4.& 5.

Na Theologia Platonica chamase anno grande aquelle, em que as celestes Espheras depois de acabarem inteiramente seu curso, tornarem a ficar no mesmo assento, & lugar, donde começou no principio do mundo o seu movimento; & com razão se chama grande o anno, em que as Espheras conseguirem a perfei-

Marsil. Ficin. Theolog Platon. lib.4.cap. 1.& 2.

 ção

ção de unir com ſeu movimento circular o principio com o fim, porque eſta inteira, & perfeita união he huma imitação da grandeza divina, que he o principio, & o fim de tudo. Deſde os primeiros progreſſos da ſua fundação teve o Reyno de Portugal annos grãdes, & tão grandes, que nos Annaes da fama não cabem. Mas eſte anno, em que hum dos mais brilhantes Aſtros deſte Hemiſpherio ſe reſtitue ao ponto, donde começou a ſua carreira, unindo circularmente o fim da ſua peregrinação com o principio, he ſem duvida hum dos mayores annos, que atè agora illuſtrárão os faſtos da Luſitania.

Para celebrar o bom ſucceſſo de huma taõ ſingular novidade, determinei fazer neſte illuſtriſſimo congreſſo huma oração gratulatoria, em que com ſuave interpolação da armonia das vozes, & dos inſtrumentos, ouviremos cantar a tres Córos as glorias da felice volta, ou reverſaõ da muito alta, & muito poderoſa Rainha da Gram Bretanha. O primeiro ſerá o Coro das Virtudes; o ſegundo, o Coro das Graças; o terceiro, o Coro das Muſas. A letra nola offerece o Capitulo ſexto dos Cantares, em que ſe exhorta à Princeza Abiſag a tornar para a Corte: *Revertere Sulamitis, revertere, revertere, ut intueamur te.* A palavra *Sulamitis* daõ os Interpretes eſtes tres ſentidos, *Cœleſtis, Pacifica, Perfecta*; & deſta triplicada interpretaçaõ ſe ſegue, que o *Revertere Sulamitis* quer dizer, Tornai Princeza Celeſte, Princeza Pacifica, Princeza Perfeita. O primeiro verſo, *Revertere Cœleſtis*, toca ao Coro das Virtudes; o ſegundo verſo, *Revertere Pacifica*, toca ao Coro das Graças; o terceiro verſo, *Revertere Perfecta*, toca ao Coro das Muſas. Neſtes tres Córos, que formaráõ as tres partes deſta Oração, veremos nas tres tardes deſte Triduo, como na ſua vinda, & reverſaõ a Portugal moſtra a Sereniſſima Rainha da Gram Bretanha

Altera editio habet Odolamitis, id eſt, Cœleſtis. Procopius ex Philone Carpathio. In Beſſon. in Cant. pag. 689.

Aquila vertit Pacifica.

Editio Veneta habet, Revertere, ô perfecta.

tanha

tanha, que he Princeza Celeste, Princeza Pacifica, & Princeza Perfeita:

Revertere Cœlestis,
Revertere Pacifica,
Revertere Perfecta.

NEsta Oraçaõ gratulatoria ao Coro das Virtudes pertence o primeiro lugar, porque as virtudes, como excellencias celestes, saõ a mais excellente prerogativa da nossa celeste Princeza: *Revertere Cœlestis.* Das virtudes da Serenissima Rainha da Gram Bretanha naõ pertence à Rhetorica fazer a enumeração, porque só à Astronomia toca numerar as Estrellas. Nem a esta celeste sciencia lhe seria difficultoso acertar com este numero, que parece infinito, porque para nos persuadirmos que a Augustissima Rainha D. Catharina possue todas as virtudes, basta, que a vejamos ornada de huma só virtude.

Que neciamente se cança a lisonja em mendigar virtudes, para com ellas ornar as Coroas dos Princepes! Na sua essencia saõ as virtudes moraes taõ unidas, que quando com perfeição se possue huma, necessariamente todas se possuem. Para a intelligencia deste paradoxo, he preciso saber, que todas as virtudes moraes essencialmente consistem em obrar bem, & conforme os dictames da recta razão; & sem embargo de que os modos de obrar bem podem ser diversos pela variedade das circunstancias, & dos objectos, sempre a virtude em si mesma he huma, ainda que nas suas operaçoens diversa.

Daqui nasce, que á virtude, como á prata, & ao ouro, se attribuìraõ muitos nomes, que ainda que diversos, naõ mudaõ a sua essencia, assim como os nomes que se daõ á prata, & ao ouro naõ alterão a substancia do metal. A mesma moeda, que sobre o mostrador he o pre-

 ço

ço do que ſe compra, na paga do ſoldado he ſoldo, & na maõ do ſervo, ſalario; no tribunal de Miniſtros venaes, he peita, & no altar da caridade, eſmola; no theſouro Real, tributo, em poder da prodigalidade, deſperdicio, & idolo adorado, na arca do avarento.

Do meſmo modo tem a virtude muitos, & muito differentes nomes. Quando eſcolhe os meyos mais aptos para o intento, chamaſe prudencia, & quando refrea a licencioſa liberdade dos appetites, intitulaſe temperança; no generoſo ſofrimento das adverſidades, daõlhe o nome de fortaleza, & na proporcionada repartição dos premios, & dos caſtigos, o titulo de juſtiça.

Com eſta doutrina ſe conforma a Philoſophia dos Eſtoicos, que enſinaõ, que donde falta huma virtude, todas faltaõ. Se â fortaleza faltar a prudencia, a fortaleza ſerâ temeridade, & a meſma fortaleza ſem temperança he deſgoverno, & ſem juſtiça, deſatino. O meſmo ſe pòde reciprocamente affirmar das mais virtudes; tanto aſſim, que (como já outros advertíraõ) ao perfido Catilina, ainda que pacientiſſimo nos trabalhos do corpo, & generoſiſſimo nos perigos da morte, lhe faltou a virtude da fortaleza, porque a fortaleza, que na apparencia teve, não foi prudente na eleição dos amigos, nem temperada com o correctivo das paxoens, nem juſta, porque inclinada á deſtruição da Patria; & com eſtas faltas o que em Catilina parecia fortaleza, era vicio, & naõ virtude.

Suppoſta eſta inſeparavel uniaõ das virtudes, digo, que a noſſa celeſte Princeza as poſſue todas, porque com ſingular excellencia poſſue huma, em que todas ſe encerraõ. Para provar eſta verdade, naõ neceſſito de encarecimentos oratorios, porque ſaõ ſuperfluas as liſonjas da Rhetorica, donde ſaõ patentes as demonſtraçoens da gloria. Dizer, que o Sol reſplandece,

dece, naõ he liſonjear ao Princepe dos Planetas; & affirmar, q a roſa exhala fragrancias, naõ he adular a Rainha das flores. As virtudes da Rainha da Gram Bretanha ſaõ prerogativas, que na eminencia do throno ſe manifeſtaõ, com eſta ſingularidade, que não ſe podem ver todas, porque a meſma altura, em que eſtaõ, as faz perder de viſta.

O que em parte alcançamos, he, que eſta celeſte Princeza com a chave da Fè ſempre teve aberto para ſi, & para os ſeus o erario da graça; vemos, que com a ancora da Eſperança firmou nas mayores revoluçoens do mundo as felicidades de huma coroa eterna, & ſabemos, q̃ ſempre conſervou o fogo da Caridade tam puro, que nunca o deixou offuſcar com o fumo da gloria humana. Tambem he certo, que com o leme da prudencia navegou por mares, em que a mais diſcreta perſpicacia perdèra a carta, & a agulha; & que com a columna da conſtancia ſuſtentou a voluvel maquina da fortuna, ſem ter como Atlante hum Hercules, que a ajudaſſe a ter maõ no peſo; & forçoſamente ſe ha de confeſſar, que tendo eſta Princeza a baſe da conſtancia por fundamento da imperturbabilidade do animo, ſe ſublimou de maneira, que nas mudanças ſublunares chegou a ſer invariavel como o Ceo.

Neſta Regiaõ inferior continuamente combatem as contrarias calidades dos elementos, varîaõ as eſtaçoens, diſſolvemſe os mixtos, conſomemſe as vidas, & com ſucceſſivas apparencias ſempre ſe vai mudando a ſcena deſte theatro elemental. Mas não ſe altera, nem ſe perturba em ſi o Ceo, ſempre igual, & ſempre o meſmo no regulado movimento dos Orbes, & na incorrupta ſubſtancia dos Aſtros. Do meſmo modo na fatal revolução, em que ſe vio a Corte Brittanica com novos Princepes, novos Miniſtros, & novas Leys, ficou o celeſte animo da noſſa Auguſtiſſima Rainha tão

ſereno, & tão imperturbavel, como ſe abaxo de ſi, & em eſpheras inferiores andára a fortuna dando voltas ao globo da ſua inconſtancia. Neſta ſoberana exaltação que patentes foraõ aos olhos do deſengano as peripecias do mundo!

Si, Altiſſima Princeza, do mais ſublime gráo de huma prudente attenção vio Voſſa Mageſtade com quanta razão tecèrão os Antigos as primeiras Coroas de folhas, pois qualquer vento contrario, & qualquer aura popular as leva como folhas de huma cabeça para outra; & juntamente entendeo, que nos annos da fortuna tambem ha Outonos, em que plantas Reaes perdem a folha; no meſmo tempo podia Voſſa Mageſtade reparar na figura triangular, que a providencia da natureza deu ao Reino de Inglaterra, para que não faltaſſem angulos para o retiro das Mageſtades, que nas tormentas da adverſidade ſe havião de ver poſtas em hum canto; finalmente conheceo Voſſa Mageſtade a pouca razão, com que no mundo ſe dão aos Reynos, & aos Imperios o nome de Eſtados, como ſe ouvera eſtabilidade nas Monarquias, que figuradas no carro de Ezechiel, ſe virão no meyo de muitas rodas, ſymbolos da impermanencia, & da volubilidade, a que eſtão ſogeitas.

Naõ alcança o diſcurſo as mais excellencias, que neſta contemplaçaõ com ſeus proprios reſplandores ſe occultáraõ. Nas almas Heroicas a luz da ſabedoria he ſemelhante ao Sol, que por não andar ſempre à viſta de todos, ſe cobre com o vèo das nuvens, & roubandoſe a eſte Hemiſpherio, todos os dias declina para os Antipodas; & ha virtudes tão modeſtas, que daõ petiçoens á fama, para que as naõ divulgue, & fazem votos ás ſombras, para que as ſepultem. Eſtes divinos ſegredos ſó os pòde ſaber Deos, com quem a alma os communica; neſte divino ſacrario quantos ſegredos,

& quantas reflexoens moraes, & politicas depofitou huma Rainha, que fó das maõs de Deos podia fiar eftes thefouros!

Tornemos à primeira propofiçaõ, & vejamos como na fua reverfaõ a efte Reyno a Sereniffima Rainha da Gram Bretanha exercita huma virtude, em que todas fe encerrão. Que na virtude da juftiça fe comprehendem todas as virtudes, he doutrina de muitos Authores, affim fagrados, como prophanos; & a razão defta univerfal perfeiçaõ da juftiça he, que não ha virtude, que não tenha por objecto, & por caufa final, ou Deos, ou o homem, & como a juftiça para com Deos, & para com o homem fempre obra o que he jufto, todas as efpecies das virtudes fe reduzem ao nome generico de juftiça.

Com efta confideração aquelles antigos Povos do Oriente a que chamavaõ Pedalios, nos feus facrificios naõ pediaõ ao Numen, q̃ adoravaõ, outra graça, q̃ juftiça, perfuadidos de que na juftiça eftaõ comprehẽdidas todas as virtudes d'alma, & todas as felicidades da vida. E na realidade affim he, porque na alma do homem, a razão he huma jufta diftinção do bem, & do mal, da verdade, & da mentira; & nos corpos a faude he hum jufto temperamento das quatro primeiras calidades; a concordia das familias he huma jufta fogeição dos inferiores ao feu fuperior; a paz dos Reynos he huma jufta moderação das pertençoens dos Princepes; a Providencia de Deos he huma jufta confervaçaõ das criaturas, a que deu o fer; & com a fantidade anda tão unida a juftiça, que na phrafe da Sagrada Efcritura, os Santos fe chamão juftos. Suppoftos eftes principios para provar, que a noffa celefte Princeza poffue com huma fó virtude todas as virtudes, baftàra, que eu moftraffe a perfeição da juftiça, com que regulou todas as acçoens de fua vida; mas porque o tempo

Ex Indis, qui Pedalij vocantur, nihil ferè in facrificijs abud expefcebant, quã juftitiam, arbitrati omnium planè cõpotes fe futures, fi modò unã fuerint affecuti. Bungus de Numeris. pag. 35.

Iufti autẽ in perpetuũ vivẽt. Sap. 5. 16.

tempo he breve, & a materia muito ampla, só fallarei na justiça (deixaimo dizer assim) restitutiva, porque nella consiste a gloria, & a Coroa do amor da nossa Princeza à sua Patria.

A restituiçaõ, (como todos sabem) he hum acto de justiça, & não podia a Rainha da Gram Bretanha fazer este acto com mayor perfeiçaõ, q̃ com a restituição de si mesma. Este taõ perfeito modo de restituir (se bem advertirmos) he huma propriedade celeste, porque em todas as partes do mundo os Astros se restituem a si mesmos; & esta he a ventajem, que nas suas restituiçoens o Ceo leva à terra. Aos campos não pòde a Primavera restituir as mesmas flores, porque o Estio secou as flores da Primavera; nem póde o Outono restituir às arvores os mesmos frutos, porque o Inverno levou os frutos do Outono. Pelo contrario sempre ao Oriente restitue o Ceo os mesmos Astros; & cõ este exemplo o Astro da Lusitania, que parecia destinado para alumiar atè ao fim da vida os Orizontes de Inglaterra, naõ havendo no mundo, com que se podesse suprir a falta da sua ausencia, se restituìo a si mesmo.

Que admiraveis saõ as restituiçoens, que todos os dias faz o Ceo a este mundo sublunar! Arrebataõ, & comsigo levão as Espheras celestes todos os Astros, & para a confusaõ dos que naõ restituem o que levão, tudo o que o Ceo leva, luz, porque restitue o Ceo tudo o que leva; & he a restituiçaõ taõ primorosa, & taõ inteira, que lhe naõ faltaõ âs mais pequenas Estrellas, pontos da claridade, & atomos da luz.

Ad locum unde exeũt flumina revertuntur. Ecclesiast. 1. num. 7.

Celebra Salamaõ o primor, com que os rios se restituem ao mar; & naõ ha duvida, que he para admirar o artificio, & o trabalho, com que estes fluctuãtes peregrinos solicitaõ a sua restituiçaõ, huns com passos obliquos, desviandose do obstaculo dos montes,

tes,

tes, outros com dilatadas correntes, inundando a facilidade dos valles; huns cortando os prados, com divorcio das flores, outros minando as penhas, sem medo dos precipicios; aquelles por caminhos sotterraneos, como envergonhados da sua tardança, outros em campo aberto, como jactanciosos da sua diligencia; os mais pequenos, fazendose com margens mais apertadas mais caudalosos, os mayores, esprayando nas ribeiras superfluas abundancias, & finalmente taõ iguaes na satisfação das suas dividas, que todos em prata corrente fazem ao mar liquidissimas restituiçoens. Mas nem com estes primores chegaõ os rios a fazer ao mar huma inteira restituiçaõ; porque das agoas, que levàraõ, quantas ficàraõ exhaladas em vapores, destilladas em orvalhos, embebidas nas areas, & encharcadas nos pantanos? quantas se gastàraõ nos jardins para as galas de Flora? quantas para as novidades de Ceres se largàraõ aos campos?

Só no Ceo se acha o exemplo de huma perfeita restituiçaõ, porq sem alteração, nem diminuição alguma sempre restitue o Ceo a mesma substãcia, & as mesmas influencias dos Astros, & não só restitue tudo em gèral, mas a todos em particular restitue o que lhes faltava, porque tornando o Ceo a trazer sobre o nosso Hemispherio as Estrellas, restitue à noite a sua coroa, à Astronomia o seu livro, à Agricultura os seus directores, à navegação as suas guias, à virtude o seu espelho, à curiosidade illustres enigmas, à admiração altissimos prodigios, & á natureza os diamantes, os pyropos, os carbunculos, & todas as joyas de seu thesouro. Póde haver justiça mais perfeita, que esta da restituição que continuamente faz o Ceo de tudo o que leva? E quem melhor que huma Princeza celeste póde imitar esta celeste justiça? Na reversaõ da Serenissima Rainha da Gram Bretanha se restituem a este Reyno todas as cõ-

stellas

ſtellaçoens celeſtes, & em primeiro lugar as que chamaõ Boreaes, a ſaber, o Cyſne, no candor do animo deſta affabiliſſima Princeza; a Lyra, na armonia da ſua vida; o Auriga, no dominio das paxoens; a Aguia, na contemplaçaõ dos bens celeſtes; a Setta ſem arco, no fruſtrado poder das armas de Cupido; Perſeo, na extinçaõ da enveja, cruel Meduſa das Cortes; Eſculapio, nos antidotos contra o veneno das delicias; & Hercules, no animo varonil, & victorioſo dos trabalhos. As Urſas do Polo Arctico ſe figuraõ nas virtudes com que eſta Princeza illuſtrou o Norte; reſplandece Caſſiopea na fermoſura da alma; Andromeda, na ſublimidade da ſabedoria; Pegaſo, na protecçaõ das Muſas, & no patrocinio das ſciencias; o Triangulo, em hum coração mayor que a Eſphera do mundo; Ariadna, no fio da prudencia, com que ſe deſembaraçou dos mais intricados labyrinthos; & o Delphim, no ſocego do animo nas mayores tormentas, porque a eſta incomparavel Princeza ſe pòde appropriar a empreza, ſignificativa da tranquillidade do Delphim nas tempeſtades, com a letra, que em lingoa Italiana lhe poz hum diſcreto, *Per me di nembi il Ciel s'oſcura in darno*, ou outra mais propria ao noſſo intento, *Sereno a ſe fà dell' altrui tempeſta.*

Tambem na peſſoa deſta juſtiſſima Princeza ſe reſtituem a eſta Corte as conſtellaçoens Auſtraes; o Altar, ou (como dizem os Aſtronomos) as Aras, na ſua piedade; o Manucodiata, ou Ave do Paraizo, nos voos, com que ſe remonta ao Ceo; a Pheniz, na ſingularidade da vida, renovada com actos de penitencia; a Canicula, nas chamas do amor divino; a Náo dos Argonautas, na conquiſta do vello de ouro da Graça; & a Coroa Auſtral, nos merecimentos para a Coroa da Bemaventurança. As mais conſtellaçoens, com que ſe ſymbolizaõ vicioſos affectos, como o Pavaõ da ſoberba,

berba, o Camaleaõ da inconstancia, o Corvo da vòracidade, a Hydra dos peccados, & os Monstros do Zodiaco, todos se me representaõ debaxo das Reaes plãtas da nossa celeste Princeza presos, & confusos, assim como antigamente se viaõ na entrada dos Emperadores Romanos os Reys vencidos, atados ao carro dos seus triumphos.

Vejo, que estais dizendo, que nesta tam justa, & taõ copiosa restituiçaõ, faltaõ com os Planetas as duas grandes Luminarias a Lua, & o Sol; naõ reparais Senhores, que com a presença da celeste Princeza se duplicaõ estas Luminarias, pois jà tem a Corte Sol, & Lua na pessoa de Suas Magestades? Em primeiro lugar com frustrada ambiçaõ poderia a Lua competir com os resplandores da Rainha nossa Senhora, em que naõ com o favor da noite, mas no claro dia resplandece huma tam grande pompa de luzes nas ascendencias, & descendencias da Casa Palatina, Bavarica, Bipontina, Saxonica, Hassiaca, & Austriaca, que em diversos gráos de affinidade, & consanguinidade se pòdem hoje contar quinze Emperadores, cõ tantos Sceptros, & Coroas, que nam cabem nos thronos da Europa.

Em quanto pois ao Sol, que outra cousa foi a jornada da Rainha da Gram Bretanha, que a volta de hum celeste Heliotropio para o Sol da Monarquia Lusitana? No errado systema de Copernico fica o Sol immovel, & naõ só a terra, mas tambẽ o Ceo he o Heliotropio que ao Princepe dos Planetas se volta com perpetuo gyro. Mas nam erràra, quem dissera, que nesta jornada se voltàra como Heliotropio o Ceo da virtude ao Sol da Lusitania.

Si, Senhores, na sua reversaõ a nossa celeste Princeza he o Heliotropio de hum Sol, que às quatro partes do mundo estende como rayos da sua luz as atten-

çoens do ſeu governo na conſervaçaõ das ſuas Conquiſtas; de hum Sol, que ſempre eſtà no Equador da juſtiça, ponderando os quilates dos merecimentos; ſempre no Zenith da gloria, coroando com premios a virtude; ſempre no Solſticio da prudencia, ſem exceder os limites da razaõ; & ſempre no Polo da conſtancia, ſem ceder às razoens da enganoſa politica. Si de hum Sol, que nunca teve a intelligencia errante, nem a vigilancia ſuſpenſa, nem a intençaõ obliqua, nem a fortuna retrograda, porque do ultimo gráo da ſua Real deſcendencia ſobio ao apogeo do throno, em que actualmente reyna; torno a dizer de hum Sol, que logra elevaçoens ſem declinaçam, excellencias ſem maculas, & glorias ſem eclipſe, porque naõ admitte interpoſiçoens de Planetas inferiores ſenaõ para mayor luzimento de huma juſta beneficencia; de hum Sol que tem desfeito como nevoas occultas conſpiraçoens, que diſſipa como vapores ambicioſas chimeras, & que chega a deſcobrir atomos inviſiveis nos eſcrupulos da cõſciencia. Si de hum Sol, que atè agora naó admitio outra coroa, que a dos ſeus reſplandores, porque ſó o Sol pòde ſer a coroa de ſi meſmo; de hum Sol taõ remontado no ponto vertical das ſuas determinaçoens, que todos os Aſtrolabios da mais ſubida ſagacidade Palaciana lhe não ſabem tomar a altura. Vamos continuando com a metaphora. De hum Sol, que renovando o tempo de Joſue, para as victorias da innocencia, & da verdade, pelo eſpaço de muitas horas eſtá parado, fazendoſe a ſi meſmo os dias mais compridos com a moleſtia de frequentes, & dilatadas audiencias; de hum Sol, a que tambem, como ao Sol material, ſempre faz companhia o Planeta Mercurio na elegancia das repoſtas, & na eloquencia dos diſcurſos. Si de hum Sol, que hoje no Signo de Geminis, com a vida de dous Princepes promete ao ſeu Reyno duplicadas fortunas;

de

de hum Sol, que na ſegunda caſa do Zodiaco toma illuſtres divertimentos, quando ſe recrea em vingar cõ a morte de huma fera as injurias da Europa. Finalmẽte do Sol da Luſitana eſphera, a que nem os ſeus predeceſſores, nem os contemporaneos lhe pòdem fazer ſombra, & que no templo da fama verà a ſombra do ſeu nome reſpeitada com todas as veneraçoens da poſteridade.

De hum tam grande, & tam reſplandecente Sol ſó podia ſer digno Heliotropio hum Ceo de virtudes, na primoroſa reverſaõ de huma celeſte Princeza, que finalmente chegou a eſta Corte com circunſtancias taõ admiraveis, que a diſcriçaõ as podèra chamar milagroſas, porque contra a ordem da natureza na peſſoa d'ElRey noſſo Senhor ſahio o Sol ao encontro da Aurora, & com novo prodigio teve a Aurora em huma carroça de ouro a precedencia. Em hum meſmo tempo ſe vio a Rainha noſſa Senhora no plenilunio da magnificencia, & no crecente da Mageſtade; & todas as Eſtrellas da Via Lactea, repreſentadas na infancia de dous Princepes, fizeraõ mais candida a cortezania da recepçaõ. Mais milagres houve. Em ſeu perfeito juizo andou Lisboa fóra de ſi, em grandes campos eſpalhada, & logo tornada em ſi Lisboa, naõ coube dentro de ſi de goſto. Aos Navios pegouſe o fogo ſem dano, porque o incendio nacia do amor, com tam animada actividade, que ficàraõ os baxeis ſem obras mortas, porque tudo nelles era huma chama viva. Em toda a parte ſe ouvìraõ trovoens ſem medo, porque todos os tiros eram parabens, & applauſos, tam dignos de lembrança, que para os encomendar na memoria, os eccos os repetíram.

Ainda houve mais milagres. Com a vinda da ſuſpirada Princeza reſuſcitàram os que jaziaõ na ſepultura da ſaudade; com as luminarias de tres noites ſe deu

viſta

vista a tres cegas ; sem terremoto se abalou todo o Reyno, & no discurso deste Orador indigno, & deshabituado de fallar em publico, cobrou hum mudo a falla.

Deixemos ao Coro das virtudes o appauso destes milagres, gloriosos effeitos da virtude do Astro celeste, que no lugar do seu nacimento renace, porque hoje a sua Patria torna a ser o seu Oriente. *Revertere, revertere Sulamitis. Revertere, revertere Cælestis.*

ORA-

166

226

ORAÇAM II.

O CELEBRA O CORO DAS GRAÇAS a felice vinda da Sereniſſima Rainha da Gram Bretanha.

O Coro das Virtudes, que hontem celebrou o feliz regreſſo da Sereniſſima Rainha da Gram Bretanha, ſe ſegue o Coro das Graças, que ainda que filhas da fabula, ſeràõ hoje mãys da verdade. Pintàraõ os Poetas as tres Graças, unidas, & com as maõs enlaçadas, por ventura, para que entendeſſemos, que a uniaõ, & a paz ſaõ as que daõ graça a todos os bens do mundo. No mundo natural toda a graça conſiſte na multidaõ, & na ordem; ſem multidaõ de creaturas ſeria o mundo hum deſerto, & ſem a ordem deſta multidaõ ſeria o mundo hum caos. Que graça teria o mundo, ſe o mundo todo fora terra, ou todo agoa, ou todo ar? & ſe as calidades, & as criaturas naõ tiveraõ em cada elemento a ſua proporçaõ, & a ſua ordem, que graça teria eſta multidaõ? Atè na eſſencia divina, que he o mundo archetypo, & a idea original de todos os mundos poſſiveis, ha pluralidade de peſſoas, & neſta pluralidade huma tam grande uniaõ, que todas tres ſaõ huma ſó, & indviſivel ſubſtancia.

Tambem no mundo moral, & politico toda a graça eſtà na pluralidade, & na uniaõ. Em quanto à plu-

 ralidade

ralidade dos Princepes, & Potentados, he huma graça que nunca pòde faltar, porque ſempre ſobeja quem ſe ache capaz para o governo; mas a graça ſeria, que todos os que tem authoridade para mandar, eſtiveſſem logrando a bella paz; ſi, a bella paz, delicioſa armonia das Republicas, & ſuave conſonancia das vontades; agradavel Solſticio de Marte, & felice retrogradaçaõ de Bellona; Bella Aurora, que annuncia profluvios de luzes; fermoſo Iris, que veda diluvios de ſangue; Aſylo das Artes, & Templo das Sciencias, & finalmente toda a graça do Univerſo, porque fóra da paz, ficaõ as terras incultas, & perdem toda a graça os campos; eſtâ o mar infeſtado de Pyratas, & naõ tem graça a navegaçaõ, ainda que ſegura das tormentas; offuſcaſe o ar com as negras exhalaçoens dos inſtrumentos bellicos, & o fogo, que ſó houvera de ſervir para os commodos da vida humana, he o mais cruel executor das tyrannias da morte.

Que graça achaõ os homens militares em tantas maquinas de guerra, em que a arte ſe apura para deſtruir a natureza? Peças de campanha, & peças de bater, peças ſingelas, & reforçadas, legitimas, & baſtardas, todas monſtros fundidos, que com bocas de fogo tudo fundem, & com ouvidos de bronze tudo confundem; colubrinas, ſerpentes do ar; bombardas, trovoẽs da terra, & baſiliſcos, que naõ com a propria viſta, mas com olhos alheyos, que lhe poem a mira, matão; pedreiros encampanados, que tendo a alma a modo de campana, fazem mais ſonóras as ruinas; falconetes, & falcoens, que na alcandora da carreta rompem o caparáõ da buxa, & levando balas por caſcaveis, cauſaõ mais dano que todas as aves de rapina.

Que direi das bombas modernas, crueis encarecimentos das antigas, officinas de rayos artificioſos, funeſtas eſpheras de Vulcano, rapidos Mongibellos, &

Infernos

Infernos volantes? De hum trabuco de extraordinaria groſſura rompe hum globo cheyo de materias mortiferas, conſtipadas, com ignea audacia corta os ares, & ſobe ao Ceo, como ſe para acertar, conſultára as Eſtrellas; com linha perpendicular ſe conſtitue ſobre o lugar deſtinado à violencia dos ſeus deſatinos, cahe precipitadamente, & como indignado do ſeu abatimento, rebenta com horrivel eſtampido, & com tam impetuoſa vehemencia, que em breves inſtantes abala, derruba, ſepulta, & quaſi aunihila os mais firmes edificios.

Iſto ſam graças? Eſtes ſaõ os mimos, que a guerra faz aos ſeus ſequazes? Naõ fallo nas invaſoens dos inimigos, nos ſacos das Cidades, na aſſolação das Provincias, na extinçaõ das familias, na prophanaçaõ dos Templos, nos ſacrilegios, & em todas as mais calamidades, que comſigo traz a guerra. Diga-o a Europa, em que hoje o Boryſthenes, & o Danubio, o Moſa, & o Rheno, o Pô, o Senna, & o Tameſis ſaõ rios, que podèraõ engroſſar com as lagrimas dos vivos, & tingirſe com o ſangue dos que nos aſſedios, nos encontros, nas batalhas, & nos incendios perdèraõ a vida.

Se actualmente exiſtiſſem no mundo as tres Graças, que a Fabula fingio, & ſe quizeſſem eſcolher hum domicilio proporcionado à uniaõ, & concordia, com que ſe repreſentaõ, donde havião de achar na Europa eſte pacifico retiro? Na Tartaria, que deſterrou a hoſpitalidade, com tam violenta agitação, que ſó com correrias ſe ſuſtenta? No Imperio Ottomano, que deſpovoando os Eſtados para formar exercitos, eſtá tam exhauſto, que nos ſeus Eſtandartes houvera de trocar com o concavo da Lua o crecente? Na Germania, em que por todas as partes eſtá lançando rayos a Aguia do Imperio? Em Hollanda, que largou os diques das milicias, que a inundaõ? Em Italia, em que atè no Piemonte, & nas faldas dos Alpes, donde a tranquillida-

de havia de reynar, saõ mais feras as tempestades? Em Castella, donde saõ continuos do Leaõ das Hespanhas os bramidos? Em Inglaterra, donde nas rosas do escudo das suas armas, atè as flores se vem armadas? Em França, onde na pessoa de Luis quatorze, está Marte nos seus treze? Sendo pois a Augustissima Rainha D. Catharina o verdadeiro retrato, & o vivo epilogo das Graças, que fabulàraõ os Poetas, donde achará na Europa hum retiro conforme à suavidade, & beneficencia do seu genio pacifico? Donde? Em Portugal, que no meyo dos estrondos da guerra, he hoje o asylo, & o refugio da paz, cruelmente desterrada da mayor parte dos Reynos deste Hemispherio. Si, em Portugal, que hoje entre todas as Monarquias da Europa, logra os admiraveis privilegios do monte Olympo, que sobrepujando as nuvens, & ficando superior à violencia dos rayos, & à inclemencia dos elementos, se conserva com tam inalteravel tranquillidade, que chegou o Princepe dos Poetas a dar ao Ceo o nome de Olympo: *Ipse Deûm claro tibi me demittit Olympo Regnator*; & em outro lugar: *Panditur intereà domus omnipotentis Olympi.* Si Serenissima Rainha, razão he, que a este Olympo, & a este Ceo se restitua Vossa Magestade, & que o Coro das Graças com armonicos applausos celebre a reversaõ de huma Princeza, que nas pausas da paz veyo afinar as consonancias da vida: *Revertere, revertere Sulamitis. Revertere, revertere Pacifica.*

A Huma Princeza, que todas as Graças dotáram de suas prendas, naõ convinha estar no meyo dos embaraços da guerra, porque na guerra melhor lugar se fazem as Furias, do que as Graças. Sei, que antigamente pintáraõ os Lacedemonios as suas fabulosas Deosas armadas, como se no animo feminil a virtude militar fora excellencia divina; mas (como prudente-

mente

mente advertio Plutarco) nos seus Deoses celebravaõ os Gentios as artes, a que lhes convinha, que os Povos se inclinassem; & como na Lacedemonia a ambiçaõ de conquistar Estados era o vicio dominante, para os Povos se applicarem ao exercicio da guerra, represen-tavaõlhe seus Princepes bellicosas Deidades. Pelo cõtrario nos Templos das mais partes da Grecia, donde os Princepes estavaõ entregues a huma ociosa tranquillidade, todos os simulacros de seus falsos Deoses se viāo sem armas, Hercules sem clava, Marte sem espada, Neptuno sem tridente, & Jupiter sem rayos; & na diversidade destas pinturas, & estatuas se conhece o artificio, com que a Politica da Gentilidade a todos igualmente enganava, porque a huns para os incitar à guerra, lhes dava a entender, que a mesma Venus, māy do amor, inspirava furor nas batalhas; & a outros para os entorpecer no ocio da paz, procurava de lhes persuadir, que o silencio, & o descanço erāo os validos do Gram Tonante.

Plutarch in Lacon.

Nòs, que com a luz da Fè conhecemos as verdades, sabemos, que hum só Deos, que ha no mundo, permitte a guerra, & concede a paz; permitte a guerra, como castigo da sua justiça, & concede a paz, como beneficio da sua clemencia. Por esta razāo os estragos da guerra, & os triumphos da paz sempre se hāo de considerar como execuçoens da divina vontade. De todos os Elementos se valeo Deos para theatros da guerra, & da paz. Com a agoa fez Deos guerra aos homens, no diluvio; com o fogo, no incendio de Pentapolis; com o ar, nos contagios; & com a terra nos terremotos, & subversoens das Cidades. Tambem nos mesmos Elementos fez Deos triumphar a paz; no ar, com o Arco celeste, que com as pontas viradas para a terra, em certo modo impossibilita os tiros das settas do Ceo; na agoa, com o imperio da voz, que poz si-

lencio aos ventos, perturbadores do mar, & precursores dos naufragios; no fogo, com chamas em figura de lingoas, novos, & flammantes jeroglyphicos do amor divino; & na terra com os parabens, que os Anjos lhe derão de huma tão glorioſa paz, que para a aſſegurar ficou em refens hum Deos.

Et in terra pax, &c

Deſtes exemplos ſe ſegue, que não he tão incompativel a contrariedade da paz, & da guerra, que huma, & outra não poſſa ter o meſmo objecto, & o meſmo fim na gloria de Deos. Nas Republicas a guerra, & a paz ſaõ oppoſtas, como na ſuperficie da terra os Antipodas. Toda a oppoſição dos Antipodas eſtà nos pês, porque nos dous Hemiſpherios todos tem a cabeça para o Ceo, & todos pòdem olhar para o Sol. Do meſmo modo a guerra, & a paz, ſem embargo da ſua oppoſiçaõ pòdem ter o meſmo fim divino; & para eſte effeito he preciſo, que os Princepes ſaibaõ compor eſtes contrarios aſſim para a exaltaçaõ da gloria de Deos, como para a conſervaçaõ dos ſeus proprios Eſtados.

Se no exercicio da guerra eſtivera toda a gloria de hum Princepe, no campo do Ceo houvera Marte de ſer o mais alto dos Planetas, mas ſobre ſi tem Marte a Jupiter, & a Saturno, (ſymbolos da prudencia,) porque ſempre deve a prudencia preſidir na guerra, para ſe evitarem os danos das guerras intempeſtivas, continuas, & injuſtas.

A guerra intempeſtiva he hum fruto acerbo, que naõ tem outro ſabor, que a aſpereza do arrependimẽto. Quando os Romanos eraõ taõ poucos, que facilmente podiāo ſer opprimidos, não houve quem cuidaſſe em fazer guerra aos Romanos; crecco o ſeu poder, & paſſado o tempo, em que qualquer naçaõ particular podia ſacudir o jugo, todas geralmente foraõ vencidas, & avaſſalladas ao Imperio Romano.

A guer-

A guerra continua he huma febre habitual, que consome a substancia das Republicas. Assim o experimentou Lycurgo, que não deixando exercitar aos seus subditos outra arte, que a militar, com a continuação das guerras debilitou o seu Estado de sorte, que faltandolhe as forças para resistir às invasoens dos inimigos, o perdeo.

A guerra injusta he huma Furia infernal, que em primeiro lugar offende o Ceo, porque offende a razão, a innocencia, & a Deos. Por isso toma o Ceo as armas contra os Authores destas injustiças. Que victorias pòde a terra esperar, quando tem ao Ceo por inimigo? Na injusta guerra, que Sisara fez aos Israelitas, pelejáraõ contra Sisara as Estrellas, ou com malignas influencias, que no arrayal matavaõ os Soldados, (como he opiniaõ de alguns) ou (como outros se persuadem) com rayos despedidos do Ceo, que cahiaõ no campo, & reduziaõ os batalhoens a cinzas.

Stellæ manentes in ordine, & cursu suo adversùs Sisaram pugnaverunt. Josue 5. Vid. Cornel. Alapid. ibi.

Mas ainda que a guerra naõ fora intempestiva, nem continua, nem injusta; mas antes taõ opportuna, taõ breve, & taõ justa, que o naõ fazella fosse delito, que graça póde ter a guerra, em que de ordinario, aos vencedores, & aos vencidos saõ commuas as desgraças? A'guerra, que he hum dos tres açoutes do Ceo, com que razão lhe deraõ os homens o especioso titulo de Arte?

Com que Arte se pòde comparar a Arte, a que chamais militar? He Arte da Musica a guerra, em que a discordia faz o compasso, a temeridade o contralto, & a morte o contrabaxo? He Arte da Grammatica a guerra, em que não se ganha nome sem verbos passivos, nem se constroem fortunas sem participios de adversidades, com que ás vezes os mais florentes Reynos declinaõ? He Arte da Rhetorica a guerra, com festivos exordios, & funestas peroraçoens, & chegado

o valor

o valor aos ultimos periodos da vida, lhe acode a fama com hum encomio Laconico na narraçaõ de huma gazeta? Que Arte será esta da guerra? Arte da caça, em que Marte fica prezo na rede de Vulcano, porque ao valor mais facil he escapar do ferro, que do fogo? ou he caça de alta volateria, pois com sotterraneas violencias sobe a industria a voar Fortalezas, & Castellos; ou porque de ordinario os Soldados saõ aves de rapina, o que parece quizeraõ significar os Egypcios, quando tomáraõ ao Açor por jeroglyphico de Marte? Mas entre as Artes liberaes, que lugar póde ter a Arte militar, que para deixar a liberalidade com as maõs vazias, com tyranna alquimia converte todo o ouro em ferro?

Coel. Calcagnin. Lib. 2. Epist. 1

Não vos parece indigna do nome de Arte huma Arte, que com trabalhosas occupaçoens, & com perigosos artificios cança todas as Artes, & todas as Sciencias? Cança a Arte militar a Planimetria, a Stereometria, a Trigonometria, & geralmente toda a Mathematica com tantos, & tão varios preceitos, que apenas com hum profundo estudo se póde alcançar o superficial conhecimento das linhas; linhas Ichnographicas, & linhas capitaes, linhas fixantes, & razantes, linhas parallelas, & perpendiculares, linhas diagonaes, & transversaes, linhas flexuosas, curvas, & rectilineas, todas linhas fataes, que da circumferencia da hostilidade vão dar no centro da vida, para destruir em hum ponto, com a morte do homem, a melhor fabrica da natureza. Cança a Arte militar a Arquitectura com mil fórmas de construcçoens offensivas, & defensivas, baluartes pentagonos, hexagonos, heptagonos, casasmatas, & falsas bragas, gollas, & demigollas, tenalhas, & orelhoens, revelins, & redutos, barbacans, & hornaveques, & outros generos de obras modernas, em que não se admira tanto a ordem, como se estranha as desordens, & ruinas, que com ellas causaõ os seus inven-

inventores, como se o tempo fora principiante, & a morte aprendiz em destruir Palacios, Cidades, Reynos, & Imperios. Finalmente cança a Arte militar a Philosophia em buscar materiaes, & em excogitar cõposiçoens executoras de irremediaveis violencias; a Jurisprudencia em discutir os interesses dos Princepes, & em determinar os limites dos seus Estados; & a Theologia em ajustar os motivos da guerra, com os dictames da conciencia, para que as victorias não venhão a ser escandalos da razão, & triumphos da injustiça.

Foi larga a digressaõ, mas tornando a tomar o fio do discurso, torno a mostrar a opposição, & a antipathia, que as Graças tem com os desconcertos, & desordens da guerra. Andaõ as Graças unidas, mas naõ confusas, & naõ ha, nem pòde haver guerra sem confusaõ. Sei, que hum dos primeiros preceitos da Arte militar he a ordem na marcha, & no conflicto; mas donde vai esta ordem a parar, senaõ em barbaras, & lastimosas confusoens? Quanta confusaõ no exercito, que perdeo a batalha? & quanta confusaõ na Republica, quando chega a nova da derrota? Hum Reyno com guerra he hum caos, semelhante ao antigo caos dos Poetas, em que tudo era guerra, porque tudo era confusaõ.

Discretamente descreve Ovidio o fabuloso caos debaxo da metaphora de huma guerra:

——————*Nulli sua forma manebat,*
Obstabatque alijs aliud, quia corpore in uno
Frigida pugnabant calidis, humentia siccis,
Mollia cum duris, sine pondere habentia pondus.

Metamorph. lib. 1.

Si, na imaginaçaõ da fabulosa Antiguidade o caos era huma vasta, & quasi incomprehensivel confusaõ; & que outra cousa era esta confusaõ mais que huma guerra civil de toda a natureza, & huma batalha campal, em que todas as criaturas pelejavaõ sem ordem, porque nem os Astros estavão nas suas fileiras, nem nos

seus

seus postos os Elementos. Naquella praça informe, para o fogo não havia minas, nem respiradouros para o ar, nem fossos para a agoa, nem terraplenos para a terra; & com tudo com imperceptiveis conflictos o fogo consumia a agoa, & a agoa apagava o fogo, a terra abafava o ar, & em ar se exhalava a terra; não fazia o Sol avançadas para o Oriente, nem para o Occaso retiradas, porque ainda estava o Sol nas trincheiras das trevas; no assedio daquella densa noite naõ havia meyas Luas para a defensa, nem obras exteriores para impedir os aproxes; por estradas encubertas se davão os assaltos, & no embaraço das Estrellas andavão as milicias do Ceo tão confusas, que com a vanguarda se equivocava a retaguarda; igualavãose as escarpas dos valles com as coroas dos montes, porque tão baxos estavão os montes como os valles, estes sem profundidade, aquelles sem eminencia, & no meyo de tanta igualdade, nem planicie havia, nem explanada. Na mesma materia se ajuntavão sem reparo todas as calidades cõtrarias, & todas ficavão expostas humas às outras sem estacada, nem parapeito. Em conclusaõ tudo era huma face exterior sem fórma; estava a circumferencia incorporada com o centro, as linhas de communicação sumidas em pontos, & o solido dos corpos embebido na superficie. Desta confusaõ pois, & desta guerra se originava huma grande esterilidade, porque naõ brotava huma flor, nem corria huma fonte, ficavão os mares sem peixes, & os peixes sem mar; as arvores sem frutos, porque sem ramos, & os ramos sem folhas, porque sem raiz; & a mortandade era tão universal, que a natureza toda era hum cadaver, & o Universo hum sepulcro, em que com accelerados insultos ao nacimento se anticipára a morte.

Coroas saõ obras exteriores da fortificaçaõ, q̃ se costumaõ fazer em eminencias.

De muito mayores confusoens, que estas, sempre foi causa a guerra, porque no caos não se perdião, só

ſe confundião as vidas; mas na guerra, que com ſangue ſe alimenta, & com eſtragos triumpha, naõ ſó os homens na flor da idade, & no vigor dos annos, ſaõ victimas da morte; mas com laſtimoſo horror ficaõ as Cidades deſertas, aſſoladas as Provincias, deſtruidos os Reynos, & quaſi annihilados os Imperios. Agrade a quem quizer o caos da guerra; fóra dos bellicos tumultos buſca a Sereniſſima Rainha D. Catharina hum tranquillo retiro, não porque o genio deſta prudentiſſima Rainha ſeja tão eſcrupuloſamente pacifico, que deſaprove, & condene a guerra, porque bem ſabe, que a guerra juſta não offende a Deos, pois elle meſmo ſe chama Deos dos exercitos, & o meſmo Deos mandou a Moyſes, que declaraſſe guerra aos ſeus inimigos. De mais do que he certo, que das armas eſperão as leys a ſua obſervancia, a juſtiça a ſua protecção, & a Religião o ſeu amparo. Mas como a guerra juſta he o meyo para ſe conſeguir a paz, & como nas acçoẽs humanas o fim para o qual ſe dirigem he mais nobre, que o meyo, que ſe toma para as executar, ſempre leva a paz a preferencia à guerra, & por conſequencia ſempre ſe ha de preferir o abrigo de hum Reyno pacifico às turbulencias de hum Eſtado revolto.

Que neciamente ſe allucinão aquelles eſpiritos bellicoſos, que conſiderão a paz como letargo das Monarquias! & que ambicioſos da gloria militar ſe enfaſtião da tranquillidade da ſua Patria! como ſe ao nome Portuguez fora indecoroſa a continuação de huma paz, que he o ſuave, & glorioſo fruto de tantas, & tão inſignes victorias. Nas bonanças não perde o mar a opiniaõ do ſeu indomavel orgulho, porque o ſeu ſilencio he condecendencia com as leys da natureza; & ſempre quando ſe enfurece tem razão, porque o ſeu furor he obſequio, & ſummiſſaõ à ſoberana vontade do ſeu Author.

Esta certamente he huma das razoens, porque forão tão celebres, & tão formidaveis no mundo as armas dos Portuguezes; pelas suas victorias se contaõ as suas guerras, porque sempre movèrão guerra com tanta justiça, que fóra da Europa naõ combatèraõ senão para a dilatação da Fè, & nesta Europa Occidental sempre a defensa da sua liberdade foi o desempenho do seu valor. Escreve Elio Spartano, que de todos os Emperadores Romanos só Trajano nunca perdèra batalha, porque nunca sahíra a campo sem justa causa: & justo era, que das suas batalhas sahissem victoriosos os Portuguezes, pois sempre entràraõ nellas, ou debaxo do estandarte da Fè, ou com o escudo do amor da Patria.

A estas razoens se acrecenta, que o quebrar a paz, não he prova de mayor esforço. A cithara bem temperada qualquer menino a pòde desafinar, & a mais suave armonia da paz qualquer potencia dissonante a desconcerta. De mais (como advertio Sallustio) a guerra he hum mal, que não se atalha com a facilidade, com que se pega, porque muitas vezes não está na mão de quem moveo a guerra, o acaballa. Saõ as guerras, como os incendios; àquelle, que pegou o fogo, pòde faltar tempo para o apagar; crece o incendio, & tal vez com tão improvisa vehemencia se estende, que abraza, & consome o incendiario. Finalmente he a guerra o labyrintho da discordia, em que não ha fio para a sahida, porque tudo corta o fio da espada; & já que vai de espada, he experiencia certa, que não se embainha a espada com a mesma facilidade, com que se tira.

Nem por isso convem, que os Princepes se entreguem tanto ao ocio da paz, que se descuidem do exercicio das armas. Aos Anjos, que no nacimento do Senhor offerecèrão pazes aos homens, chama o Evangelho Milicia Celeste, como se nem para o Ceo fora segura

gura a paz, sem se guardar o nome, & sem perseverar 232
a ordem da milicia. A paz desarmada he o iman, que attrahe para si o ferro do inimigo. Assaz o experimentou Constantino Magno, que despedidas as milicias, se vio improvisamente cercado dos exercitos de Licinio. Quantas vezes se arrependeo o Emperador Probo da nimia confiança, com que costumava dizer, que quando não havia inimigos, erão inuteis os Soldados?

A hum Estado nunca faltaõ inimigos, ou declarados, ou encubertos; & os encubertos saõ mais para temidos. No Inverno não he nociva a vibora, porque não pòde lançar o veneno, que o rigor do frio tem reconcentrado; mas na Primavera tornalhe à vibora cõ a abundancia do veneno a sanha. Do mesmo modo o inimigo encuberto, em quanto não pòde offender, dissimula o odio, & recuperando as forças o manifesta. Tambem com grande cautela devem os Princepes victoriosos proceder com inimigos reconciliados, porque o inimigo reconciliado com o Princepe, que o vẽceo, he sempre inimigo. A razão deste politico paradoxo discretamente a deu aquelle barbaro Scytha, que (como escreve Quinto Curcio) disse a Alexandre, que o Princepe victorioso ficava senhor, & o vencido, servo, & que entre servo, & senhor naõ ha verdadeira amizade.

Quint. Curt. lib. 7.

Felice o Reyno, em que sempre a paz (como Pallas) está armada. Naõ repugna esta bellica disposiçaõ à tranquillidade dos Povos, nem o silencio da paz prejudica ao zelo, com que os Princepes attendem à conservação dos seus Estados. Em huma guerra, ainda que universal, pòde huma nação particular ter razoens para se não empenhar nella, & para estar vendo com discreta immobilidade o successo. Lá no principio do mundo, quando as milicias Angelicas di-

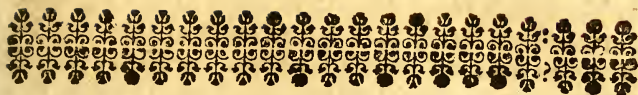
vididas

vididas em dous corpos de exercito, deraõ batalha; houve no Ceo hum notavel silencio: *Factum est silentium in Cœlo* Silencio, & batalha? Si, huns pelejavão, & outros estavão callados, porque naõ militava para todos a mesma razaõ para se empenharem no conflicto: *Hi, qui ex officio non debebant pugnare, silebant.* Logo, se atè no Ceo, & nas guerras, que contra Deos se movem, nem todas as milicias celestes tomaõ as armas, bem pòde ser Angelico o silencio dos Princepes, que no meyo dos estrondos de huma justa guerra, por justas razoens se resolverem a naõ perturbar com bellicos tumultos a paz dos seus Estados.

Ecclesia in officio Sancti Michaelis.
Vid. *Alcazar in Apoc. pag.* 454. *col.* 1.
Yvo Paris. Dig. 3

A mim naõ me toca mostrar a justiça destas razoens; aos que por obrigaçaõ, & por officio investigaõ os arcanos da Republica, deixo esta occupação; & para ultimo abono dos que preferem a paz à guerra, digo, que o mais sabio dos Reys, foi o mais pacifico, taõ propria he de huma sabedoria dominante, a suavissima tranquillidade da paz.

Resta, Senhores, que com festivos applausos nos demos reciprocamente os parabens de huma paz, & juntamente de huma serenidade, com que hoje se vem nesta Corte os Astros da primeira grandeza, gloriosamente multiplicados com o luminoso ternario das Magestades. A'real presença da Serenissima Rainha da Gram Bretanha se deve a triplicada Coroa das glorias da Lusitania; & posto que sempre se vio Portugal na mayor altura, duvido, que em algum tempo se visse esta Corte com tanta Magestade. Para que naõ falte à Magestade a graça, celebre o Coro das Graças a felice vinda de huma Magestade, taõ inclinada à paz, que para estar satisfeita, foi preciso que buscasse na Esphera da sua Patria o centro da tranquillidade: *Revertere, revertere Sulamitis. Revertere, revertere Pacifica.*

ORA-

ORAÇAM III.

CELEBRA O CORO DAS MUSAS A feliz vinda da Rainha da Gram Bretanha.

NA primeira tarde o Coro das Virtudes, com o nome de Princeza Celeſte, & na ſegunda tarde o Coro das Graças, com o titulo de Princeza Pacifica tributáraõ à Sereniſſima Rainha da Gram Bretanha obſequioſas veneraçoens: *Revertere Sulamitis. Revertere Cœleſtis, revertere Pacifica.* Hoje compoem as Muſas o terceiro, & ultimo Coro, & com applauſos de Princeza Perfeita celebraõ as glorias da ſua feliciſſima reverſaõ: *Revertere Sulamitis. Revertere Perfecta.*

Neſte eruditiſſimo Auditorio não faltarà quem pergunte, que ſympathia, ou que analogia tem as Muſas com a perfeiçaõ. Para ſatisfazer a eſta curioſa, & prudente repoſta digo, que naõ fallo nas Muſas, que com metricas elegancias enfeitáraõ os delirios da Antiguidade. A doutrina dos Antigos, taõ variamente explicada pelas Muſas, he huma ridicula contextura dos treſvarios da imaginação, ſacrilegamente occupada em a deoſar homens indignos, & criminoſos. Póde haver delirio mais impio do que o dar titulos de divindade a hum devorador, Saturno; a hum Sanguinario, Marte; a hum homem do mar, Neptuno; a hum Princepe de vento, Eolo; a humas Princezas de agoa doce

as Naiadas, & Nereidas; a hum moço de recados, Mercurio; a hum ferreiro, Vulcano; a hum taverneiro, Bacco; a hum rustico, Pan; a huma caçadora, Diana; a huma energumena, Proserpina; a huma rameira, Venus; a huns verdugos, as Furias; a humas fiandeiras, as Parcas, & aos dous perturbadores do mundo o Amor, & a Fortuna?

Que ociosidade foi a das Musas, empenharemse em grangear creditos a todas as mais fabulosas ficçoês? Pòde haver extravagancia mais enorme que esta? Hum Athlas, que com as canas dos braços fazia pontaletes ao Ceo; que sem vertigens sentia sobre a cabeça as revoluçoens das espheras; & que debaxo da grande maquina do mundo fazia dos pès Firmaméto? Que monstruosas superfluidades saõ estas? Hum Cerbero com tres bocas, sem sufficientes alimentos para hum corpo; hum Gerion com tres corpos, sem bastante juizo para huma alma; hum Briareo com cem maõs; balistas taõ fortes que atiravão com penhascos; hum Argos com cem olhos, alternados exploradores de furtivos affectos?

Que milagres da Architectura, & que impossiveis da armonia saõ estes? Hum Amphion, que fortifica o corpo de huma Cidade, tomando à harpa o pulso; que ajusta com a consonancia das cordas a symmetria das pedras, & que levanta muros com papeis de solfa? E quem se persuadirà, que a voz de Orpheo foi a remora dos rios, o freyo dos rayos, & a chamariz dos Brutos?

Que casta de Agricultura foi a de Cadmo? Semear dentes, & colher soldados, prantar ossos, para formar exercitos? & contra todas as leys da milicia nòs assedios, que esperança tiverão os Gigantes de Phlegra de escalar o Ceo, enterrando montes, & multiplicando precipicios?

Qual

Qual foi o apoſentador do Sol, que diſtribuindo os Signos do Zodiaco em doze caſas, deu a eſte Principe dos Planetas por caſa de armas, o Sagittario; por quarto das Damas, o Signo de Virgem; por caſa d'agoa, o Aquario, & por tanque o Signo de Piſcis; por tribunaes, a Libra, & por corpo da guarda, o Leaõ; tudo com duplicada hoſpitalidade, no Signo de Geminis? Lindo Palacio, ſe nos Signos de Aries, Tauro, & Capricornio ſe não vira a humildade de hum curral, em que o Cancer retrogrado não dâ eſperãças de augmentos, & o venenoſo Eſcorpião acomete as vidas.

Finalmente, para que foi fazer do ſyſtema do Firmamento hum livro de novellas, & hum volume de paradoxos? A Nao dos Argonautas com reſplandores por cordas, & com Eſtrellas por flammulas; Nao ſem velas, & piloto de ſi meſma, que ſempre anda, & ſempre eſtâ em ſeco. Os cabellos de Berenice em conſtellação calva transformados; huma Lyra ſem cordas, hũ Delphim ſem eſcamas, huma Balea ſem barbas, Hercules ſem clava, & a Hydra ſem cabeças; hum Cyſne, & hum Corvo emparelhados na cor; Ganymedes, & Meduſa no aſpecto parecidos; Pegaſo, fóra do Parnaſſo, & fóra do Egypto o Nilo; duas Uſſas taõ primoroſas, que ſervem de guia aos Navegantes, & huma Via Lactea, como ſe o mundo depois de tantos ſeculos ainda eſtivera na ſua infancia. Confeſſo, que em verſos Heroicos, Saphicos, Adonicos, & mil outros generos de metros cantáraõ as Muſas todos eſtes delirios da cega Gentilidade, & naõ me admiro de que na ſua genealogia ſe ache eſcrito, que ſaõ filhas da memoria, porque neſte inſano exercicio moſtrárão as Muſas mais memoria, que juizo, com tão pouca religião, que quizerão fazer do Ceo huma chimera, do Inferno huma fabula, & do mundo todo hum enigma.

Tambem não fallo nas Muſas, que nas fontes da

Poesia prophana se contaminão, transfugas de Apollo, & sequazes de Cupido; sendo que (se bem advertirmos) a culpa não he das Musas, mas só de alguns Poetas lascivos, Ovidios modernos, & Catullos redivivos, que com mortifera agudeza enxertaõ nas azas do amor pennas homicidas da honestidade

As Musas (conforme escrevem os Mythologicos) eraõ nove irmãas, taõ modestas, que não assistião senão aos banquetes, que a Gentilidade chamava sagrados; tão discretas, que compunhão, & recitavão os Panegyricos dos Heroes; & tão zelosas da perfeição, que o seu mayor empenho era inculcar aos seus ouvintes a imitaçaõ das virtudes, que celebravão. O mesmo numero das Musas he hum dos mais adequados symbolos da perfeição, porque as Musas saõ nove, & no meyo do novenario está a unidade, dividindo em duas partes iguaes o octonario, que os Pythagoricos attribuem à perfeição da justiça. Tambem o novenario he composto de tres ternarios, & cada ternario de tres unidades, que (conforme a doutrina dos que interpretão os mysterios dos numeros) saõ imagens, & jeroglyphicos de huma consummada perfeição.

Destas, & outras razoens, que deixo em silencio, se pòde certamente inferir, que tambem as Musas, como imagens, & retratos da perfeição, tem parte na solemnidade do triumpho, com que huma das mais perfeitas Rainhas do mundo vem a ornar com a sua presença a sua Patria.

Jà no Museo da Lusitania, no Atheneo das Hespanhas, na Metropoli das Sciencias, quero dizer, na celebre, & nunca assaz celebrada Universidade de Coimbra, anticipáraõ as Musas os seus applausos, & com mysteriosa evidencia conhecèraõ na Serenissima Rainha Dona Catharina huma soberana perfeição, vendo, que dilatava a sua chegada à Corte, para consagrar

grar as suas primeiras assistencias ao culto da santidade.

Por haver buscado ao mais sabio dos Reys, não foi a Rainha Sabá a mais sabia das Rainhas, porque foi primeiro ao Paço, que ao Templo, & com o alvoroço de ver a Corte de Salamão, não deu no Templo de Jerusalem a primasia à piedade. Não assim a Serenissima Rainha da Gram Bretanha, que vindo a esta Corte, se desviou do caminho, para dar as primicias ao Templo, em que foi venerar as sagradas memorias de huma Rainha, que atè no imperio da morte, & nos estragos da sepultura sustenta com a incorrupção do corpo os decòros da Magestade.

Em quanto estamos contemplando a nossa piissima Princeza, postrada aos pès da Rainha Santa, para multiplicar com devotos obsequios Coroas à humildade, entrem as Musas a festejar com a consonancia das vozes a armonia das perfeiçoens da grande Rainha da Gram Bretanha. *Revertere, revertere Sulamitis. Revertere, revertere Perfecta.*

A Perfeição, no sentido, em que actualmente fallo, he o realce de huma excellencia natural, ou moral, com que os sogeitos, que a possuem, sobrepujaõ aos que não tiverão a fortuna de a conseguir. Por isso vemos, que no estado da natureza todas as criaturas superiores ás outras tem alguma perfeição dominante. A Aguia, Rainha das aves, a todas excede na sublimidade dos voos, & na perspicacia da vista; & o Leaõ, Rey dos animaes, supera a todos na generosidade, & no valor: se houvera outro metal mais puro que o ouro, não fora o ouro Rey dos metaes; & se chegára huma Estrella a ser mais clara que o Sol, acabára o Sol de ser Rey das Estrellas. Na Republica do corpo humano o coração he izento das enfermidades, que se com-

Potentiora quidem ac meliora dominantur, imbecilliora verò, deterioraque serviunt. Plato *in princip. lib. 5. de L. L. vide eundem in Gorgia. pag 334. C.*

communicaõ às mais partes, porque o coraçaõ he o Princepe desta Republica; o mar, que he a origem das fontes, & a fonte dos rios, nem como os rios se seca, nem como as fontes se esgota; & o Ceo, que a todos os Elementos preside, não està sogeito às alteraçoens, & variedades dos Elementos.

Tambem na vida moral com a perfeição das virtudes se merece, & se alcança outra semelhante superioridade. A perfeição da paciencia deu a Job o titulo de Rey dos pacientes; a perfeição da penitencia fez a David Rey dos penitentes; & com a perfeição da sabedoria conseguio Salamaõ a Coroa de Rey dos Sabios. No fundamento desta doutrina se assenta a fabrica deste ultimo discurso, em que com o favor das Musas mostrarei, como a perfeição do retiro da Serenissima Rainha da Gram Bretanha, lhe dà huma tão sublime preminencia, que com razão se pòde chamar Rainha Perfeita. *Revertere Sulamitis. Revertere Perfecta.*

No primeiro Coro do acto segundo da tragedia de Thiestes por boca de Seneca dão as Musas a definição de hum Rey perfeito:

Nescitis cupidi arcium
Regnum quo jaceat loco.
Regem non faciunt opes,
Non vestis Tyriæ color,
Non frontis nota regiæ,
Non auro nitidæ trabes.
Rex est, qui posuit metus,
Et diri mala pectoris,
Quem non ambitio impotens,
Et nunquam stabilis favor,
Vulgi præcipitis movet.

E mais abaxo:

Rex est, qui metuit nihil;
Rex est quique cupit nihil;

Hoc

Hoc regnum sibi quisque dat.

Que discretamente desenganão as Musas a lisonjeira presumpçaõ dos Soberanos! Naõ he sempre Rey aquelle, que o parece, porque no theatro do mundo como no tablado da comedia muitas vezes os representantes parecem o que naõ saõ. Trazer Coroa, naõ he ser Rey, porque houve Reys no mundo, primeiro que fossem inventadas as Coroas. O primeiro Rey, & Progenitor de todos os Reys, naõ trouxe ao mundo outra Coroa, que a da innocencia. As mais Coroas, de que a vaidade deu o modello, mostraõ na circumferencia da sua figura a volubilidade da sua natureza, & quem quizera investigar a mysteriosa significação das perolas, dos rubìs, & dos diamantes, enganosos abonadores das Coroas, facilmente entendèra, que nas cabeças dos Princepes as perolas saõ congeladas distillaçoés do suor do seu trabalho; que com as immortaes chamas dos rubís se perpetua o fogo da ambiçaõ; & que pelas pontas dos diamantes transluzem os espinhos dos cuidados.

Nem sempre o throno he o distinctivo da mayor fortuna, porque nos altos fica a felicidade mais exposta aos tiros da enveja; nem para os subditos he mais benefica esta exaltação, porque a eminencia do lugar naõ emenda as imperfeiçoens dos que o occupaõ, assim como Saturno, por ser o mais alto dos Planetas, naõ melhora as suas influencias. Finalmente não querem as Musas definir a gloria dos Reys pela sublimidade do imperio, pela opulencia dos thesouros, pela obediencia dos vassallos, nem por todos os mais luzimentos de aquella pompa exterior, com que se estende a superficie da felicidade; mas ao entender destas discretissimas avaliadoras dos bens da fortuna, só he Rey aquelle, que tomou por vassallos as suas paxoens, por inimigos os vicios, por limites dos seus Estados a moderaçaõ dos

ſeus deſejos, por throno a conſtancia, & por Coroa o deſengano.

Verdade he, que ſe geralmente ſe obſervàra eſta doutrina, ſeriaõ no mundo os Sceptros tão cómuns, que em todas as caſas ſe achariam Reys, com tam individual implicancia, que o meſmo homem ſeria Rey juntamente, & ſubdito; Rey de ſi meſmo, & ſubdito do ſeu Rey; Rey de ſi meſmo pelo dominio nos ſeus appetites, & ſubdito de ſeu Rey, pela ſogeição da vaſſallagem. Mas deſta implicancia, & deſta imperfeição eſtà hoje a Sereniſſima Rainha da Gram Bretanha tam glorioſamente izenta, que ſem metaphora, & ſem liſonja ſe pòde juſtamente chamar Rainha Perfeita, Rainha, pela independencia da ſua Real peſſoa, & Perfeita pelas prerogativas da ſua independencia.

Para a intelligencia deſtas ſoberanas perfeiçoens havemos de ſuppor, que na ordem da natureza a mayor, & a mais glorioſa felicidade da vida humana conſiſte neſtas duas negaçoens, não ſervir, & não governar; não ſervir, porque ſervir he eſcravidão; nem governar, porque governar, he mais que eſcravidão. Servir, he ſer ſervo de ſeu ſenhor, mas governar, he ſer ſervo de ſeus ſervos. A' poſteridade de Cham, & por conſequencia a Nembroth, ſeu deſcendente, & primeiro Rey da Aſſyria depois do diluvio, com prophetico eſpirito diſſe o Patriarca Noe, que ſeria ſervo de ſeus ſervos: *Servus ſervorum erit*. Si, por iſſo meſmo, que Nembroth chegou a ſer Rey, & a governar Eſtados, tambem nelle ſe verificou a prophecia da eſcravidaõ, porque o governo he hum cativeiro, em que os ſenhores ſaõ ſervos dos ſeus vaſſallos: *Servus ſervorum erit.*

Geneſ. 9. 23.

As penalidades deſta ſervidão não as declara, quem as experimenta, porque a confiſſaõ deſte trabalho poderia parecer abatimento da ſoberania. Eſta he a primeira anguſtia da ſervidão de quem impera, não ter li-

berdade para ſe queixar, & ter que ſofrer mais que todos. Sente o ſubdito as ſuas penas, & tem a ſatisfaçam de chorar os ſeus proprios infortunios; mas ao Principe correm, & recorrem todas as lagrimas, & ſobre elle carregão todas as queixas dos ſubditos; o que parece quizeraõ ſignificar certas naçoens, que formáram as Coroas dos Reys a modo de Navios, porque as Coroas ſaõ Navios de carga, em que todos os generos, que ſe embarcaõ, ſaõ trabalhos.

Refert Strabo quoſdã Reges uſos coronâ, navis ſpeciem repræſentantem.

Daime licença, (Senhores) para dizer, que iſto que chamais governo politico, he hum confuſo exercicio de Artes liberaes, & mecanicas. Eſtar ſempre com a balança ponderando razoens de Eſtado, & com o compaſſo da circunſpecçaõ medir as acçoens mais indifferentes; ſondar com profundo juizo os negocios; lançar as linhas, aceſtar as peças, & fazer a pontaria ao alvo dos ſeus intentos; nas emprezas mais arduas a tirar por ſuas elevaçoens, & ferir a tiro razo nas materias de menos porte; fazer anatomias dos Eſtados dos Princepes, & com anzois de ouro peſcar os mais reconditos arcanos; ſogeitar ao jugo da obediencia eſpiritos rebeldes, & perſeguir com o açoute do caſtigo os delinquentes; preparar antidotos contra o veneno da enveja, & compor lenitivos para conciliar genios oppoſtos; na citraria da nobreza abrandar o orgulho de aves agreſtes, & altaneiras; ſangrar os Povos em ſaude, & com evaporaçoens da bolſa curar as repleçoens da Republica; moſtrar na ſuperficie hum alegre frontiſpicio, & por aqueductos ſotterraneos deſafogar o ſentimento; pintar com claros, & eſcuros as verdades, com realces as melhoras, & em eſcorço as perdas; dourar palavras, illuminar eſperanças, & deixar os premios em perſpectiva; navegar nas bonanças com cautela, & forcejar nas tormentas; ſemear beneficios, & colher ingratidoens; cultivar plantas, & provar diſſabores; que-

rer

rer acudir a todas as desordens, o que só Deós pòde fazer, & contentar a todos, o que no governo deste mũdo o mesmo Deos naõ faz; & finalmente andar sempre com o cuidado da provisaõ dos cargos, dignidades, cadeiras, presidencias, prelazías, & com todo o peso da Republica, que nos hombros dos Princepes lhes poz a sua fortuna, ou a sua desgraça. Pòde haver servidaõ mais trabalhosa, que esta ?

Atè na etymologia do nome, com que os Gregos chamaõ aos Reys, se conhece a fatalidade desta servidaõ. Na lingoa Grega, da palavra *Basis*, que significa *Base*, vem o nome *Basileus*, que quer dizer *Rey*, porque na symmetria do governo os Reys saõ as bases, que tem sobre si todo o peso, & com inevitavel oppressaõ sustentaõ as columnas do Imperio; & he para advertir, que tambem na circumferencia das bases ha Coroas, ou (como lhe chama o vulgo) cintas, porque com o diadema, com que cinge a cabeça, aperta o Princepe a sua liberdade.

Aos que naõ trataõ as redeas do governo, naõ he facil persuadir esta verdade, porque só na sublimidade do Imperio, que he o monte da grandeza humana, offerece a experiencia claras noticias para o desengano. Aos subditos, que estando ao pè do monte, olhaõ para os altos, lhes parece, que o monte confina com o Ceo, & que esta altura he o zenith da felicidade; mas os que se achaõ em cima do monte, se vem muito distantes do Ceo, & olhando para baxo, por todas as partes vem despenhadeiros, & precipicios.

A consequencia, que destas premissas se tira, he, que neste mundo tem a nossa vida duas inevitaveis imperfeiçoens, nascidas da necessidade de servir, ou de imperar; & só no meyo destes extremos está a perfeiçaõ, a saber, nem servir, nem imperar, porque (como já tenho mostrado) tambem o imperar he servir.

Esta pois he a notavel, & quasi inimitavel perfeiçam, com que gloriosamente se singulariza a Serenissima Rainha da Gram Bretanha, porque taõ fóra está de servir, que a mais excelsa nobreza com emulaçaõ a serve; & taõ alhea está de imperar, que do Reyno, onde mais se poderia estender o seu imperio, se ausenta.

Oh que perfeita liberdade, naõ servir como subdita, & naõ imperar, ainda que Rainha! naõ estar sogeita às dependencias da vassallagem, & estar fóra dos embaraços da politica! Naõ se empenhe a ambiçaõ em desestimar a quietaçaõ deste retiro: que se as turbulencias da vida publica se houverem de preferir ao socego da vida privada; forçosamente se fará mayor estimaçaõ das tormentas, que da bonança; da enfermidade, que da saude; & da agitaçaõ de hum perpetuo movimento, que da consistencia de hum imperturbavel estado.

Nem contra estas razoens se acrecente, que no exercicio da soberania se ostenta a perfeiçaõ do talento; porque os espiritos de superior esphera naõ se occupaõ sempre no governo da Republica. Os Anjos das primeiras Gerarchias, ainda que perfeitos, naõ sam os que movẽ os orbes celestes. Aos animos sublimes lhes parece, que prophanão a sua fidalguia, quando se abatem ao manejo de negocios temporaes. Dentro de si mesmo assaz tem que fazer, quem se applica a merecer os premios da eternidade. Para esta tão importante occupaçaõ naõ ha estado mais perfeito, que o de huma tranquillidade, izenta dos trabalhos da servidaõ, & dos cuidados da Regencia.

Neste perfeitissimo estado logra hoje a Serenissima Rainha da Gram Bretanha estas tres inestimaveis felicidades, naõ servir, naõ imperar, & naõ imperando gozar todas as preminencias de soberana. Oh! que perfeita liberdade! Isto he viver na terra, como no

Ceo.

Ceo, ou quando menos, como no Paraizo. No Paraizo terreal vivem os dous Prophetas Henoch, & Helias com taõ perfeita liberdade, que naõ tendo superiores, que os mandem, naõ servem; & faltandolhes inferiores, a quem mandar, naõ imperaõ, & nesta admiravel medianía entre a servidaõ, & o imperio, saõ mais felices, que todos os Reys do mundo.

Rabbanus, & Strabus idem asserunt. Vid. Abulens. in cap. 2. Genes. quæst. 12.

Para o logro desta bemaventurança não podia haver lugar mais proprio, que o Paraizo terreal, que cõforme a opiniaõ de Santo Isidoro, & do Veneravel Beda estava situado em hum altissimo monte, que chegava atè a Lua; porque a Lua he o Planeta, que com a interposiçaõ do seu corpo divide na esphera do Universo o dominio da servidaõ. Da Lua para cima os mais Astros saõ os Princepes, que dominão; da Lua para baxo os Elementos saõ os subditos, que servem, & no meyo dos dous extremos anda a Lua taõ socegada, que no seu reynado se logra com o silencio da noite o descãço dos trabalhos do dia; taõ assistida, & taõ respeitada, que só a esta dominadora das sombras clara, & visivelmente fazem corte as Estrellas; & taõ senhora de si, q́ não se sojeita à severa constancia, com que os Astros superiores observaõ a uniformidade do luzimento; porque hora sahe a Lua com galas, & hora sem ellas, hum dia com hum resplandecente semicirculo, & outro dia com toda a pompa da sua luz; algumas vezes com bioco, & outras com cara descuberta, & com a figura de hum arco de ouro sem corda parece quer mostrar, que só com riquezas sem sogeição se fazem preciosas as Coroas.

Que vos parece, (Senhores) que só no globo da Lua está o Paraizo terreal, & que só naquelle excelso domicilio se pòde lograr a perfeição de huma regia liberdade? Naõ vos lembraõ as memorias, que vos deixáraõ os investigadores das antiguidades da Lusitania?

Nestas

Neſtas memorias acho eſcrito, que à Luſitania, ou Lyſia deraõ os Antigos eſte nome, por entenderem que as terras da Luſitania eraõ os campos Elyſios, & o Paraizo terreal, em que as almas dos Heroes deſcançavaõ, & a ſeu tempo ſobiaõ ao globo da Lua pelo Promontorio de Cintra, que por ſer taõ alto, que a ſeu ver confinava com o Ceo, foi chamado Monte da Lua.

Vejaſe Luis Marinho de Azevedo nas Antiguidades de Lisboa, Livro 1. part. 1. cap 20. & 21.

Mas para que he recorrer a fabuloſas prerogativas, quando he certo, que o territorio de Lisboa he o Paraizo terreal da Europa, em que parecem arvores da vida as plantas, que com vegetativos primores eternizaõ Primaveras, & arvores da ſciencia as Cadeiras, & os Pulpitos, em que ſe ſe naõ enſina quanto Deos ſabe, tudo o que Deos quer, que ſe ſaiba, ſe enſina? Com dous habitadores o Paraizo terreal eſtava tão deſerto, que antes parecia monte, que Paraizo; & tem Lisboa môtes, que ſaõ Cidades, & em lugar de quatro Rios, hum Rio, que he mar; & ſe hum daquelles Rios banhava terras fecundas de ouro, leva o Tejo as ſuas agoas, pulverizadas em ouro, como ſe andara preparando ouro potavel para a conſervação das vidas. Se hum Cherubim com eſpada de fogo guardou a entrada do Paraizo terreal: quantos Cherubins, & quantas eſpadas de fogo lançàraõ com o braço Portuguez, aos que dos môtes de Lisboa querião fazer as baſes do ſeu Imperio? O Monarca pois, que domina eſte Paraizo, tem nas quatro partes do mundo Colonias, & Reynos com Vaſſallos, & Principes tributarios, o que no principio do ſeu Reynado naõ teve o primeiro Dominador do mundo; nem da Princeza, que neſte Paraizo terreal impera, ſe pode recear, que ſe deixe enganar por huma ſerpente, porque o ſeu meſmo nome, como ſynonimo da ſabedoria, he o antidoto contra os venenos do engano.

Ipſe eſt qui circuit omnem terram Hevilath ubi naſcitur aurum. Geneſ. 2. 11.

Auguſtiſſima, feliciſſima, glorioſiſſima Rainha da Gram Bretanha, juſto era, que Voſſa Mageſtade ſe re-

colheſſe

colheſſe a eſte domicilio, porque a huma Princeza Celeſte convinha, que tiveſſe por habitaçaõ hum Paraizo: *Revertere Sulamitis. Revertere Cœleſtis.* Tambem para huma Princeza Pacifica, naõ podia haver retiro mais proprio, que hum Reyno, em que reyna a paz: *Revertere Sulamitis. Revertere Pacifica.* Finalmente razaõ era, que huma Princeza Perfeita ſe achaſſe em hum eſtado taõ perfeito, que logrando as preminencias de Rainha ſem os incommodos da Regencia, unicamente ſe applicaſſe a conſeguir aquella ſumma perfeição, que na eternidade tem a ſua Coroa: *Revertere Sulamitis. Revertere Perfecta.* Unaõſe pois os tres Coros das Virtudes, das Graças, & das Muſas, & com reciprocos applauſos celebrem os acertos, as felicidades, & as glorias deſta ſuſpirada reverſaõ.

Revertere, revertere Sulamitis.
Revertere Cœleſtis,
Revertere Pacifica,
Revertere Perfecta.

LAVS DEO.

PORTICUS TRIVMPHALIS,

A REGALI PALATIO,
Quà Meridiem ſpectat,
In Tagum exporrecta,
Ad publicam receptionem
AUGUSTISSIMÆ
MARIÆ, SOPHIÆ,
ELISABETHÆ,
PORTUGALLIÆ REGINÆ,
Ulyſſiponem ingredientis,
Anno Domini M. DC. LXXXVII. Die 11. Auguſti,
PICTIS, INSCRIPTISQUE TABULIS,
JUSSU REGIS,
ORNATA

A R. P.
D. RAPHAELE BLVTEAVIO,
Clerico Regulari Theatino,
Sacræ Theologię profeſſore,
Olim
Henricettæ Mariæ à Franciâ,
Anglorum Reginę,
A concionibus,
Nunc
In Luſitania,
In Supremo Sanctæ Inquiſitionis Senatu,
Librorum Cenſore.

ULYSSIPONE, Ex Typographia Michaelis Deslandes,
Sereniſſimi Regis Typographi. *Cum facultate Superiorum*. Anno 1694.